

UM FILME BRASILEIRO

Bonequinha de Sêda, o filme brasileiro que há pouco foi exibido entre nós, por muito mau que seja, sempre nos merece um certo interesse se o quizermos vêr comparativamente com os filmes nacionais.

Como o cinema português, o cinema brasileiro tem um vida precária, de pequeno desenvolvimento e de expansão quasi limitada ao seu território. Lá como cá, pior ou melhor, vão-se fazendo filmes, sem que isso queira dizer, no Brasil como em Portugal, que haja uma verdadeira produção cinematográfica e menos ainda que haja cinema nacional.

Por um filme só—porque eu não vi os outros filmes brasileiros que já foram exibidos em Portugal—não posso avaliar do panorama cinematográfico do Brasil. Mas fica-se fazendo uma ideia do que é actualmente o cinema nessa grande nação sul-americana. Por êle constata-se uma grande influência do cinema americano a par duma desoladora falta de personalidade. **A Bonequinha de Sêda** em nada difere, conservadas as devidas distâncias, de qualquer banal filme americano. Desde a reatização até à própria historietta, bem intencionada mas incharacterística e insignificante, tudo é nitidamente à maneira de Hollywood.

Surge aqui o primeiro motivo de confronto com o cinema português. Entre nós, evidentemente que se sente a influência estrangeira. No documentário romancado (L. de Barros e Lopes Ribeiro) não se pode negar a influência dos russos; na comédia (C. Telmo e Chiamca) não se encobre a influência dos franceses; no documentário puro (Manuel Oliveira) denunciou-se bem a influência dos alemães. Mas isso não quer dizer nada. Poucos cineastas escapam às influências estranhas e não é, por exemplo, por Charles Chaplin ter recebido forte influência de Max Linder ou de René Clair a ter recebido de Chaplin e vice-versa, que o mérito de cada um esmorece. Porque cada qual tem a sua maneira, o seu estilo, e conserva intacta a sua personalidade. Mesmo passando do caso pessoal para o genérico, veja-se o cinema inglês, de tão acentuada influência americana e do cinema americano, todavia, tantas vezes nitidamente di-

ferenciado. Ora os realizadores portugueses, que até agora não têm dado coisa de grande jeito, têm todavia essa qualidade que parece faltar aos realizadores brasileiros. Têm determinadas particularidades, uma certa dose de qualidades e defeitos pessoais. Mediocre e incerto como é, o cinema português é pelo menos diferente.

O filme brasileiro que vimos é incharacterístico; pior: podia passar por um mau filme americano «doublé» em português e cuja história se passasse ocasionalmente no Rio de Janeiro. Diga-se de passagem que é muito provável que o Brasil, produzindo cerca duma dezena de filmes por ano, esteja farto de sambas, seringueiros e caboclas. Mas também, nem tudo nem tão pouco...

Se a influência americana é prejudicial até ao ponto de não permitir que o melhor filme brasileiro (porque a **Bonequinha de Sêda** é considerada como a melhor produção saída dos estúdios do Brasil) tome aspecto nacional, parece que o realizador, ao menos, soube (ao contrário dos realizadores portugueses) aproveitar certas lições do cinema americano.

A Bonequinha de Sêda está conduzida com acerto. A anedota aparece desenvolvida com à-vontade, em linha harmoniosa, contada sem originalidade e com alguns vaçares, mas sem solavancos nem desvios.

Outro ponto de comparação com o cinema português: até hoje, ainda não apareceu entre nós ninguém que soubesse contar com jeito uma história qualquer, em cinema. Ainda não apareceu um filme português que não fôsse feito aos retalhos. Mais ou menos os filmes portugueses não passam duma série de quadros anedóticos e fragmentos de documentário melhor ou pior ligados por uma história que segue tortuosamente com enorme dificuldade em ir de princípio a fim. Ou, então, limitam-se aos quadros anedóticos, igualmente ligados... como calha.

Mas se em **A Bonequinha de Sêda** se revela um justo sentido de construção, em nada mais as lições americanas deram resultado. Assim, assiste-se a esta coisa surpreendente: o filme parece ter sido fotografado por um operador

amador e principiante. Raras são as cenas bem focadas. E em muitas nota-se nitidamente, com a mutação do campo, a atrapalhão para acertar o foco. Cenas há em que surge um detalhe em primeiro plano, uma mesa, um tinteiro, um adorno perfeitamente focado, e os personagens envolvidos em bruma...

Aqui, outra vez o cinema português leva a palma. Hoje, em questões de fotografia, as fitas portuguesas desafiam confronto. E no que diz respeito ao som os filmes nacionais têm acusado enormíssimos progressos. Mas o filme

brasileiro que vimos, sob estes pontos é uma calamidade.

Os actores de cinema brasileiros parece que também não vão além do que por cá se vê. O desempenho de **A Bonequinha de Sêda** é uniformemente mediocre. Sob este aspecto, cinema português e cinema brasileiro quasi se equiparam, com ligeira vantagem do nosso lado.

Enfim, somando os prós e os contras, podemos concluir que no Brasil, à parte gravíssimos defeitos puramente técnicos, já se vai fazendo cinema menos mal, relativamente, e alguma coisa melhor do que se poderia esperar.

MARGARIDA GAUTIER

a terceira versão cinematográfica da "Dama das Camélias"

É pena que o cinema, tão rico como meio de expressão, tão poucas vezes seja posto ao serviço de ideias e assuntos novos e originais. Periódicamente as mesmas obras literárias, e nem sempre as melhores, são trazidas para o «écran» em adaptações ou interpretações mais ou menos fiéis. E muito embora dessas obras literárias, velhas de muitos anos, constantemente repisadas, sejam, por vezes, extraídos filmes incontestavelmente bem feitos, não deixa de ser para lamentar a insistência com que se deita mão a histórias tão conhecidas, tão vistas e poeirentas.

Vêm estes comentários a propósito do filme **Margarida Gautier**, extraído em síntese do célebre romance de Alexandre Dumas, Filho, «A Dama das Camélias».

Fiquem esses comentários como a maior censura que faço ao filme. Porque a verdade é que o realizador, George Cukor, soube contar a história com simplicidade e sentido cinematográfico. À parte algumas cenas um pouco artificiais, um tanto «preparadas» (algumas das cenas no

campo, o duelo, a cena na casa de jógo), o filme desenrola-se numa harmonia perfeita e num equilíbrio só digno de louvores.

Achei muito bem compostos os interiores em que a acção se desenrola, perfeitamente encarnadas certas figuras secundárias (como a Olímpia), muito bem dado o ambiente (o «clima» do século passado, como agora se usa dizer), excelente o diálogo, evitando as grandes tiradas, primorosa a fotografia, como é de uso nos filmes americanos de categoria e, acima de tudo, valendo só por si todo o filme, Greta Garbo que, numa interpretação extraordinária, maravilhosa, patenteia o seu grande e excepcional talento de comediante.

«A escripta pre-histórica do Brasil», de Alfredo Brandão

No artigo sob a epigrafe acima, inserto no nosso número passado, página onze, (2.ª coluna), linha 59, onde diz: «e constituem os números digitos», deverá lê-se: «e conformam gráficamente os números digitos».